

somos uma escola pequena, às margens da cidade de Berlim, e também precisamos lutar pelo número suficiente de alunos, naturalmente passa a ser uma boa propaganda para a escola.

SB: *O senhor voltaria a ser professor Waldorf?*

RK: Sim. Eu gosto da liberdade de poder refletir sobre o que é apropriado para a classe e poder decidir a partir desse impulso. No entanto, isso abriga o perigo de, como professor, não enxergar os limites e se desgastar. É preciso aprender a se cuidar.

SB: *Professores Waldorf tem a tendência de ser 'workholics'?*

RK: Os bons, sim.

SB: *O senhor é um?*

RK: Em verdade trabalha-se sempre. Mesmo quando eu, por assim dizer, leio particularmente. Desse ponto é difícil traçar uma linha de separação. Eu me dou ao luxo de apenas trabalhar três quartos do cômputo. Por isso tenho reservas e posso preparar bem as aulas. Trabalhando cem por cento, facilmente se chega a uma situação de estar sempre correndo atrás de tudo.

SB: *Em verdade me admira que o senhor é o único professor Waldorf entre os premiados.*

RK: Eu não tenho certeza se eu não sou o único professor Waldorf que já ganhou um prêmio. Existem duas categorias desse prêmio: alunos nomeiam professores ou professores ou escolas indicam projetos multidisciplinares. Também lá não havia Escolas Waldorf, apesar de se inscreverem. Há anos eu sonho em estruturar uma época de Goethe em conjunto com um professor de Ciências Naturais, ou uma época Política com um euritmista. Algo assim certamente teria chance.

EDITORIAL

Mais uma vez, encontramos conteúdos importantes para contribuir no aprofundamento dos conhecimentos das disciplinas que os nossos professores oferecem aos alunos. Desta vez, está em foco os Trabalhos Manuais e suas relações com o amadurecimento dos órgãos dos sentidos. A sequência dos artigos aborda como, desde a primeira infância até a maturidade do ser humano, os movimentos das atividades têm sua importância no desenvolvimento dos três âmbitos anímicos: pensar, sentir e querer. A Escola Waldorf, por meio das diferentes atividades de Trabalhos Manuais, dá suporte ao desenvolvimento dos órgãos dos sentidos e, ao mesmo tempo, acelera a capacidade pensamental. Ainda fomos solicitados a inserir a entrevista sobre “O Professor do ano 2011” – professor Waldorf, em virtude de como o texto, de forma clara, expõe o que se espera do professor Waldorf no Ensino Médio.

Próximos Eventos:

GRUPO DE CIÊNCIAS WALDORF NO BRASIL – FEWB

Ver ficha de inscrição no site da FEWB

(Formação continuada aberta a todos)

VIII Curso de Ciências

Antropologia Geral

Aprofundamento na Geografia do 6º ao 12º ano

Metodologia das aulas de Ciências na Escola Waldorf

Com o Geógrafo Dr. Hans-Ulrich Schmutz

De 11 a 23 de Janeiro de 2015

Na Escola Moara-Brasília-DF

FEDERAÇÃO DE EDUCAÇÃO TERAPÊUTICA E TERAPIA SOCIAL

David Newbatt:

1. Pintura em aquarela – 1º e 2º setênio;

2. Desenho de lousa – processo criativo

Data 12 a 23 de janeiro 2015 – Local: Escola W. Rudolf Steiner.

Este é o último Periódico de 2014, desejamos aos colegas pais e amigos um excelente Natal e um próspero ano, repleto de bênçãos e força para realizações.

Cordiais Saudações

Coordenação do Periódico
Eleonore Pollklaesner

AS OBRAS DAS MÃOS.

Mathias Maurer

Paulo borda a sua bolsa. Incansável a agulha segue em cruz com fios em cores alternadas. Ele transpira levemente, a língua no canto da boca, os dedos que seguram a agulha procuram cuidadosamente o buraquinho certo – não dá para deixar de perceber o impulso volitivo digno de admiração do aluno do quarto ano. E isso continua por uma hora e meia.

Julia está na oficina de marcenaria. Ela tem uma plaina na mão e passa num movimento fluente sobre a tábua presa. Sempre passa de novo a superfície com a mão, como se essa tivesse olhos, apalpa as partes não planas, assopra os cepilhos da superfície, respira fundo, firma sua oposição e novamente volta ao movimento anterior. Julia frequenta a classe do oitavo ano, tem problema de visão e confeccionou uma prateleira para CDs.

Érico constrói um barco desmontável, ele se informa, reflete, compara e testa, faz os planos de construção, costura, cola, estende e aparafusa. O barco pronto junto com a bagagem deverá levá-lo através dos fiordes da Noruega.

Quem olha as mãos de um ser humano enxerga mais do que uma ferramenta prática do corpo humano. O trabalho das mãos aparece como desvinculado do simples domínio sobre esses membros.

A mão treinada se movimenta como se estivesse sendo movida por mãos invisíveis, tanto no caso do virtuose do violino quanto no tricotar de um pulôver. As ações das mãos criam obras, realidades que se fixam no futuro, como se o ser humano inteiro se encontrasse na mão, como se ela abrigasse o seu destino: – O barco não vai vazar? – As frestas da madeira se ajustam com perfeição? – O modelo do tricô é exato?

SB: *O senhor nem sempre foi professor. Há dez anos o senhor fez a formação continuada aqui em Berlin no Seminário de Professores.*

RK: Antes eu trabalhei no âmbito das ciências e durante o estudo trabalhei como guia de cidade e de museu. Durante o trabalho percebi que conseguia lidar bem com classes de escolas e com jovens. Senti-me desafiado a trabalhar continuamente com a pedagogia.

SB: *Desde o início foi claro para o senhor que queria lecionar no Ensino Médio?*

RK: *Eu amo o confronto intelectual com os alunos e isso se realiza de uma forma muito melhor com a matéria do Ensino Médio.*

SB: *O que é diferente entre uma Escola Waldorfe e outras escolas?*

RK: Basicamente no Ensino Médio trata-se de capacitar os alunos na formação do seu próprio julgamento. De qualquer maneira, hoje em dia isso é importante. Aliás, é importante também na sociedade. Julgamentos são emitidos de imediato, com sorte, se tudo der certo, depois do acontecido se pensa a respeito. Para mim é importante que se aprenda inicialmente a observar o fenômeno para em seguida, sob os caminhos mais diversos, chegar a um julgamento. É possível fazer muita coisa nesse sentido da transdisciplinaridade nas classes. Pois tudo é sempre fragmentado. Na história da arte faz-se história da arte; em música, história da música; na língua materna, história da Literatura... Os alunos não o vivenciam como sendo uma unidade. Eu gostaria de encontrar muito mais possibilidade de vivências que incluam todos os sentidos, para que o maior número possível de alunos desenvolva uma consciência de como as coisas estão interligadas.

SB: *Que consequências trouxe a distinção de ser o melhor professor?*

RK: Desde então eu recebo muita atenção. A escola e os alunos estão orgulhosos por terem um professor que ganhou essa tal distinção. Como

uma abertura constante – mesmo em relação àquilo que vem dos alunos. Isso não é estressante?

RK: Não. Não me daria prazer se fosse de outro modo. No caso ideal é um diálogo que enriquece a nós mesmos. Se tudo somente viesse de mim, seria unilateral demais para mim.

SB: *O senhor falava antes de ritmo. Como é isso?*

RK: Eu trabalho bastante com a lírica, faço também exercícios corporais: segunda de manhã antes de tudo, espichar-se e acordar.

SB: *Os alunos o acham engraçado?*

RK: Os alunos se divertem com os meus desenhos de lousa, pois não sei desenhar bem. Mas eu não ligo, continuo a desenhar, desenvolvo algo a partir de traços e geralmente aparecem resultados bem engraçados. Na classe já adquiriram um status cultural.

SB: *Qual é a sua matéria em alemão?*

RK: Eu sempre gosto daquilo com o que eu me confronto no momento. Mas o que considero muito é o *Fausto* de Goethe. É uma obra onde a cada vez se penetra uma pequena camada mais funda. Parsifal acho igualmente maravilhoso. Mas quando trabalho (Max) Frisch ou (Berthold) Brecht ou Thomas Mann, também me deixo entusiasmar.

SB: *O senhor é livre na escolha da matéria?*

RK: Sim, isso para mim é uma das maiores vantagens na Escola Waldorf. Há um par de coisas que são feitas por tradição e que também faz sentido fazê-las. Mas pensando sobre isso, o que se quer e porque se faz algo, é possível escolher bastante livremente. Dou muito valor a isso, não estar preso às prescrições dos planos de ensino do estado onde se é obrigado a trabalhar determinada matéria.

Está na palma da mão aquilo que se relaciona à compreensão, à capacidade do pensar, à capacidade de encontrar conceitos que levam a conhecimentos. Isso não é realizável, como vimos, sem que se acione uma dedicação sensível e sem o uso da vontade. E, se aquilo que imaginamos realmente tem utilidade, mostra incontestavelmente a obra das nossas mãos.

MOTRICIDADE FINA E PENSAMENTOS REFINADOS.

– resultados obtidos em diagnóstico do jardim de infância e do ensino fundamental.

*Pela formação do andar ereto o Homem alcançou
mãos livres e artísticas,*

ferramentas do mais delicado uso

*e um constante tatear por novas e
claras ideias.*

(Johan Gottfried Herder 1744-1803)

“Tanto a pedagoga reformadora Maria Montessori, como o filósofo alemão Martin Heidegger, observavam as mãos como um instrumento da inteligência. Esse pensamento, no qual o movimento é fundamental para o pensar, também ocupa um papel significativo na pedagogia de Rudolf Steiner. Ultimamente numerosos resultados empíricos falam a favor dessa ideia fascinante”.

Uma das primeiras conquistas da criança pequena refere-se ao desenvolvimento da motricidade. Assim que o corpo se estruturou e minimamente conquistou forças, mães grávidas percebem pequenos movimentos, às vezes já no quinto mês de gestação, que podem ser percebidos como borboletas no ventre.

Já ao nascerem os recém-nascidos têm os assim chamados reflexos primários que no decorrer do desenvolvimento precisam ser rechaçados. Por exemplo, recém-nascidos podem, com força própria, ao se segurar

Ele os leva a sério como indivíduos e personalidades.

Eu acredito que se transmite tanto com a matéria quanto com a maneira pela qual essa matéria é transmitida. Eu sempre procuro ler novas coisas, usar material novo para o meu ensino. Se repito o que foi feito no ano passado, isso torna-se rotina e menos vivo. Eu gostaria de manter para mim certa capacidade de entusiasmo e o sentimento de que preciso trabalhar em mim mesmo, desse modo fica mais interessante para os alunos também.

SB: *Como o senhor transmite a matéria para que seja interessante para os alunos? Prática ensino frontal?*

RK: Eu misturo e alterno. Ensino frontal é bom quando se busca transmitir conhecimento diretamente, mas apenas o ensino frontal não seria bom. A aula principal compreende cem minutos que devem ser preenchidos e nesse caso é preciso ritmizar. Eu tento surpreender os alunos, olhar as coisas de outra perspectiva. Quando eu dou uma época sobre Goethe, eu não o coloco no pedestal e digo quão maravilhoso ele foi, porém, inicialmente empurro-o para baixo, o deixo despedaçar-se e depois junto novamente as partes.

SB: *O senhor, por exemplo, escolhe a vida de uma personalidade histórica e parte dos pontos fracos e das rupturas dela?*

RK: Exato. Principalmente como lidam com suas próprias contradições. É isso que interessa aos alunos. Pois, percebe-se como através de normas, ou seja, os meios de comunicação, a sociedade está aprisionada.

Por outro lado existe o próprio eu que, antes de tudo, precisa ser descoberto. Quem, em verdade, sou eu? Eu basto a essas normas? Como eu lido com dificuldades? Quando eu posso mostrar isso, tomando como exemplos biografias de pessoas importantes, ajuda bastante.

SB: *Portanto, nenhuma matéria o senhor leva pela rotina, porém mantém*

O PROFESSOR DO ANO - 2011

Professor Waldorf de Berlim

(Artigo incluído a pedido de uma colega. Vale ressaltar a honestidade, singeleza e amor com os quais ele descreve o seu o trabalho de professor Waldorf)

RALF GRUEGER foi considerado o ‘professor do ano’ de 2011: Sobre bons professores, bons alunos, bom ensino.

Entrevistadora: Susanne Becker

Link: www.lehrerpreis.de

Susanne Becker: *Parabéns pelo prêmio alemão de melhor professor do ano. Como o senhor se sente sendo o melhor professor da Alemanha?*

Ralf Krueger: Muito Obrigado! Para mim foi surpresa total. Havia uma inscrição de âmbito nacional na revista dos alunos “Der Spiesser” (algo como “O Chato”). Alunos das classes finais deveriam caracterizar uma personalidade de professor que tenha marcado de forma especial o caminho do aluno. Uma aluna da minha primeira classe na escola Waldorf Berlin-Havelhöhe estava estudando Biologia para o Abitur (Vestibular), e estava justamente encontrando algumas dificuldades. Aí, folheando a revista, decidiu-se espontaneamente a escrever algo sobre mim e encaminhar. Foi assim que o júri ficou sabendo a meu respeito.

SB: *O que é um bom professor? O senhor sabia que é um?*

RK: De certa forma sim. Isso se sente. Eu tento construir um bom e intenso contato com os alunos. Percebe-se logo como eles reagem a nosso respeito e se nos respeitam. Para mim, um bom professor é alguém com competência na matéria, que pode conduzir os alunos pela mão com aquilo que ele tem a dizer. Mas também é aberto em relação aos alunos.

com duas mãos, suportar o peso do seu corpo. Ou logo após o nascimento, aparentemente, parecem poder nadar na água. Esses reflexos primários ou de sobrevivência perdem-se pouco tempo depois do nascimento.

Apesar de o surgimento desses reflexos primários ser de extrema importância, a primeira conquista verdadeira parece ser que esses reflexos sejam rechaçados no decorrer do desenvolvimento. Crianças pequenas que ao jantar deixam cair a própria colher e o alimento não o fazem para irritar os pais, mas por outro motivo: com isso aprendem a inibir seu reflexo de pegar. Desde o início, portanto, tais processos de direcionamento cognitivos estão ligados intimamente ao desenvolvimento da motricidade.

Talvez por essa razão não seja uma surpresa o fato de que resultados da pesquisa tanto da psicologia empírica e experimental, quanto a partir das pesquisas cerebrais atribuam papel relevante às habilidades dos dedos e das mãos (isto é, à motricidade fina) e às ações ao pensar.

Ressonância entre pensar e agir.

No adulto existe a chamada ressonância motora. Com esse efeito o pensar acontece com maior rapidez, se ao mesmo tempo for realizada uma ação manual apropriada. Falando para o adulto a seguinte frase: João abre a porta – permitindo-se fazer julgamentos se a frase tem sentido ou não. O julgamento acontece comparativamente mais rápido quando ao ouvir a frase vocês realizam um giro num botão em sentido anti-horário. Se os que realizam a experiência giram o botão no sentido do relógio, o processo pensamental retarda.

Como, via de regra, se abre a tampa de um frasco em sentido anti-horário, existe nessa experiência uma ressonância entre a ação e a compreensão da frase. Em outras palavras: uma ressonância entre o pensamento de uma ação acelera o pensar. Na pesquisa da psicologia do desenvolvimento, especialmente nos Estados Unidos da América, existem registros interessantes de estudos de longa duração. Esses apontam via de regra, que crianças no jardim de infância com prontidão na motricidade

fina avançada se dão melhor nas aulas de matemática e em testes de inteligência na escola primária.

Nesse caso, chega-se a um fenômeno cultural interessante. Tratando-se de soluções de questões de matemática, as crianças de países asiáticos que vivem nos Estados Unidos levam a vantagem em relação às crianças de descendentes europeus. Na maioria das vezes, aquelas também dispõem de maior habilidade na motricidade fina.

Numa pesquisa foi possível levantar que essa motricidade fina diferenciada foi um fator importante para melhores resultados no âmbito da matemática.

Mas as vantagens para uma melhor motricidade fina precoce não se encontram apenas no âmbito da matemática, mas no da Inteligência em geral. Philipp Martzog, docente na Escola Superior Livre de Stuttgart, pode observar em sua dissertação que uma motricidade fina melhor, nos primeiros anos no jardim de infância, pode levar a um nível mais alto de inteligência em crianças da pré-escola.

Esse avanço refere-se, em verdade, ao pensar causal e não à conquista de conhecimentos. De início esse resultado aponta para a questão: qual movimento e ações de motricidade fina são determinantes para a flexibilidade do pensar, mas não são relevantes para a pura aprendizagem de fatos?

Na pesquisa consequencial da universidade de Regensburg e na Escola Superior de Alanus, em Alfter, são estudadas a relação entre a motricidade fina e outros aspectos do desenvolvimento precoce da criança. Crianças do jardim de infância, mais avançadas na motricidade fina, obtinham melhores resultados na aprendizagem da leitura no primeiro ano escolar. Uma outra pesquisa experimental apontou que crianças com dificuldade na motricidade fina, graças a uma condição experimental quando precisavam servir-se de um bastão mais pesado, aprendiam a formar as

impressiona a continuidade do trabalho. Cada batida traz uma mudança quase imperceptível, mas na quantidade e como um todo, tem uma força e efeito marcantes, assim uma martelada está baseada na anterior e com o tempo observam-se mudanças impressionantes.

si, algo aparentemente morto, amorfo, torna-se algo vivo por meio da forma estruturada. Os alunos em seu trabalho são simultaneamente atores e observadores. O interesse que desperta neles o trabalho dos outros, em última análise, é o indicador se a obra foi finalizada com sucesso. É como uma peça de teatro que antes ninguém conhecia, ninguém sabia da existência ou como se desenvolveria e muito menos como iria terminar. Somente a atuação conjunta dos atores, sua presença alerta, o ouvir-se mutuamente, aceitar os impulsos, levam a uma palpitante interação que atrai o espectador.

Autor: Tomás Verbeck – professor de Trabalhos Manuais em madeira do Ensino Fundamental; professor de ferraria e esculturas de pedra no Ensino Médio. É professor de inglês no Ensino Fundamental.

Observação: Na Escola Rudolf Steiner de Remscheid essa matéria é de escolha facultativa entre outras matérias, são aproximadamente 40 horas-aula nas classes do 11º e 12º ano.

Impressões de uma aluna.

Se outras artes e trabalhos artesanais me oferecem a possibilidade de eu expressar a mim mesma, ao esculpir a pedra posso fazer a tentativa de deixar a natureza falar.

Assim, em cada pedra habitam suas formas e movimentos bem particulares aos quais eu posso tentar dar uma expressão. Por meio disso pode tornar-se possível criar formas extremamente tensas, muito significativas, dadas pela natureza e, mais ainda, por meio de diferentes interpretações menores até mesmo espelhar impressões humanas exteriores, fortes.... Também me

letras e os fonemas mais devagar.

“A mão é a janela para o espiritual”

Immanuel Kant.



O mundo é pesquisado com as mãos.

Crianças com mãos acanhadas são prejudicadas ao pesquisar o mundo. Podemos supor que movimentos rápidos e relativamente empobrecidos – como ao fazer jogos de computador – dão menos suporte ao desenvolvimento cognitivo. As pesquisas de Martzog, entre

outras, mostraram que as tarefas mais complicadas de motricidade fina (enfiar pérolas para formar um colar, por exemplo) são as que podem ser consideradas mais ligadas ao nível de inteligência, enquanto atividades de motricidade fina que envolvam movimentos repetitivos dos dedos de forma monótona (*tapping* – bater de leve) não influenciam o nível intelectual.

Outro âmbito de alta significância, tanto para o desenvolvimento do pensar quanto para sociabilização, é o desenvolvimento do vocabulário. Em alguns estudos foi pesquisado o papel da motricidade fina em relação ao desenvolvimento do vocabulário. Aqui se torna clara a complexidade da coisa.

Parece que a motricidade fina é importante para a formação do vocabulário, mas principalmente para aquelas palavras ancoradas na vivência do sentimento. Assim o significado de palavras abstratas como “confiança” não é reconhecido mais rápido por crianças com motricidade fina avançada. No entanto palavras que apontam para algo que pode ser palpável com as mãos, tais como “cinto” ou “mocho” são reconhecidas mais rapidamente por crianças com motricidade fina bem desenvolvida.

Como se estimula a motricidade fina?

Infelizmente, há poucos estudos e pesquisas fundamentadas para essa questão. No entanto, existe na pedagogia curativa, há muito tempo, a prática de medidas para estimulação. A partir daquilo que foi apresentado evidencia-se que à música e à atividade de trabalhos manuais cabe papel relevante. Em um primeiro estudo os pais foram indagados a respeito do comportamento de seus filhos, como brincam, em seguida, no jardim de infância, examinada a motricidade fina. Crianças bem ativas em casa – crianças que pintam, desenham, colam – dispunham de uma melhor medida de motricidade fina.

Encontrar o equilíbrio na oscilação entre ir e vir de simpatia e antipatia e no entretempo alcançar o conhecimento e o impulso de ação motivados conscientemente, é tudo menos do que fácil. Os alunos sempre voltam a se perceber nesse estado meio onírico ou são chamados pelo professor porque eles, como que esquecidos de si e sonhando, fazem surgir linhas bonitas e interessantes, cantos e formas, mas toda estrutura plástica foge da sua consciência desperta.

O diálogo com a pedra.

É bem interessante colocar uma obra no meio e todos os alunos em volta. Cada um deles descreve o que vê a partir do seu ponto de observação, e não o que ele supõe, imagina ou pensa. Assim, surge uma percepção conjunta de 360°, que às vezes aponta impressões totalmente contrárias. Não se julga, apenas se descreve. O aluno, por meio disso, recebe numerosos estímulos que ele pode aceitar em detalhes, Individualmente, ou abandonar. Ele pode decidir se quer unir determinadas faces da obra ou separá-las, conscientemente colocar saliências e com isso criar assentos, deslocar um ponto de gravidade ou colocar toda a estrutura de ponta-cabeça – e assim deixar surgir uma situação totalmente nova com a qual pode lidar de maneira nova.

As metas da pedagogia Waldorf.

Nos últimos anos escolares Waldorf, a meta pela qual o professor como acompanhante do desenvolvimento dos alunos se esforçou por todos esses anos, se cristaliza: elevar a vontade para o âmago do pensar, e conduzir o pensar para dentro da vontade. As duas correntes se permeiam no sentir, são impulsionados por ele e chegam ao movimento. O jovem amadurecendo com a idade chega paulatinamente na posição de ele mesmo dirigir os dois processos. A interferência dos gestos oscilantes de simpatia e antipatia e uma vontade permeada pelo pensar transformam a pedra: Diante de

– precisam ser a harmonizados.

Cada aluno deve entrar no processo. Via de regra, acontece depois de alguns dias e os alunos encontram, assim, o seu acesso individual para a sua pedra.



Esse se instala no momento quando se percebe e vivencia a tensão de uma face. De repente, então, o trabalho torna-se interessante e, só poucas vezes, é interrompido pela falta de motivação. Surge o interesse e quer-se dar continuidade, seguir a pista do movimento das faces individualmente.

A pergunta mais difícil que nesse sentido deve ser respondida é: por que, em verdade, processos pensamentais e do desenvolvimento do vocabulário deveriam depender da motricidade fina? Os resultados dos estudos aqui mencionados não falam a favor de que, baseado apenas num meio ambiente social privilegiado, com maior estímulo e ofertas para o fazer ativo, as crianças sejam melhores no âmbito da motricidade fina e inteligência.

*(se as partes do corpo crescessem na mesma
proporção que as partes cerebrais correspondentes,
o homem teria esse aspecto).*



Homúnculo - motor (imagem em Fausto, de Goethe)

Uma segunda possibilidade que muitas vezes é mencionada como explicação é uma espécie de “brain training”.

Na figura é reconhecível uma estrutura que parece quase demoníaca (foto). Essa escultura foi assim formada como se cada parte do corpo, conforme seu tamanho, fosse adequado à sua área correspondente no cérebro.

Ela apresenta como seria uma pessoa se suas partes corporais crescessem na mesma proporção como as áreas cerebrais correspondentes. Conclui-se disso que o falar, quando comparado ao andar, acontece a partir de uma atividade cerebral muito maior, por isso, as pernas da figura são pequenas em comparação à boca. Portanto, transportado à figura, a mão deve ser um instrumento do cérebro!

Tomemos a pesquisa de Rudolf Steiner em relação ao cérebro, o pensar e as mãos, no ser humano, e imediatamente a imagem se concretiza assim: as mãos não são, no ser humano, puramente utilitárias como num animal, são livres. Apenas com as mãos pode-se expressar tudo o que o espírito pode conquistar; toda cultura e arte foram criadas por meio das mãos. Significaria, por fim, que para os desenvolvimentos vindouros as próprias mãos tornar-se-iam uma espécie de órgão pensante (palestra de 8/6/1912 e 13/3 /1918).

No entanto, a comprovação de que um “brain training” tem resultados positivos para o pensar, porque por meio disso o cérebro é treinado como o músculo, é bastante fraca. Segundo teorias atuais e registros, o cérebro, ao contrário, é altamente diferenciado, e determinadas ações – assim como o andar – são ligadas a bem determinadas áreas e redes neurais.

Por isso é questionável se o movimento de dedos pode treinar o cérebro de tal modo que sejam desenvolvidos com a movimentação outros aspectos não motores simultaneamente, como a inteligência de modo geral.

meio disso a pele exterior da pedra será removida e vem à tona a camada interior de mármore branco, brilhante e cristalino. Desprendem-se todas as partes quebradiças da pedra em decomposição.

O aluno chega a conhecer sua pedra de todos os lados. Em seguida a olhamos em conjunto. As primeiras formas e indícios de formação de faces são reconhecíveis: o côncavo e o convexo são percebidos conscientemente e vivenciados por alunos individualmente.

Aos poucos o trabalho torna-se empolgante.

Agora começa a atividade, com base nos conhecimentos adquiridos, de trabalhar a superfície consequentemente com batidas leves, direcionadas para que uma face alcance tensão, comparada à uma vela de barco inflada pelo vento. Saliências incômodas e reentrâncias precisam ser aplainadas. Uma face côncava, nesse caso, é mais fácil de ser trabalhada porque pode se avançar na matéria, sem conscientemente se ater ao entorno. A tendência de esculpir um bebedouro para pássaros, uma concha para o poço ou uma saboneteira sempre é tentador. Para alguns alunos até acelera a motivação para o trabalho, pois um objeto concreto sempre é a meta mais fácil de imaginar por encontrar-se muito próximo.

Minha pedra e eu.

Observar ao afastar-se, conter-se interiormente e o trabalho vigoroso na pedra são a expressão dos dois gestos da alma, antipatia e simpatia. Quando se alternam, chegando a um oscilar, no ir e vir surgem momentos nos quais a consciência está presente e um impulso para o próximo passo de trabalho pode ser assumido. A esse respeito o professor deve chamar a atenção do grupo e orientar os alunos. Os extremos da ação – “ir simplesmente batendo” e “picar desanimado” por medo de quebrar algo

ESCULPIR A PEDRA SIGNIFICA PERMITIR QUE A

NATUREZA FALE

Thomas Verbeck

Esculpir a pedra é como o teatro de improvisação. Alguns atores têm impulsos iniciais para começar uma peça. Outro ator pisa no palco sem representação própria, sem ideia própria, no entanto, desperto e presente para seu entorno. Assim leva à uma interação, o ouvir-se mutuamente, o aceitar o impulso para uma interação empolgante que se torna visível na pedra.

O que posso carregar, também posso dominar ...

Esculpir pedras na classe do 11º ano na escola Rudolf Steiner de Remscheid.

Tarefa: Uma forma livre. O aluno escolhe a pedra para um primeiro exercício. Se conseguir carregá-la sozinho, isso já é um bom pressuposto de que também conseguirá dominá-la. Tarefas escolhidas por conta própria dificilmente são pesadas demais.

É vantajoso se a pedra for um pedaço partido ou uma lasca, melhor ainda se sua origem for de um rio onde rolou por décadas. Nesse caso já oferece forma e movimento que o escultor principiante pode seguir.

As faces serradas são difíceis de serem trabalhadas. O trabalho inicial, mais sonhador, é mais um “picar” sobre a superfície geral da pedra, permitindo ao aluno adentrar o ritmo de trabalho que lhe possibilita encontrar uma técnica de trabalho própria que lhe poupe forças. Por

Existem teorias também do “embodied cognition”. Segundo essas teorias o pensar depende fortemente do corpo.

Formulações extremas dessas teorias afirmam que não há pensamentos que, de alguma forma, não estejam ancorados no corpo. Pensando de maneira bem elementar: a mão torna-se expressão da palavra, serve-se dos gestos que expressam muito do caráter interior do ser humano. Desse ponto de vista eu possibilito uma motricidade fina habilidosa e também pensamentos refinados.

Deve-se aceitar que atualmente não há explicação reconhecida e cientificamente comprovada do porquê da relação da motricidade fina com a inteligência, vocabulário e com a matemática.

Muitos pedagogos ao lado de Rudolf Steiner, entre outros o renomado psicólogo russo Lew Vigotsky, tem apresentado o desenvolvimento infantil nesse aspecto: andar, falar, pensar. Nesse sentido a motricidade fina seguramente é um marco importante, inicialmente para o falar, em seguida para o pensar.

Eu estou convicto de que a questão a partir de por que a motricidade fina é significativa para o pensar só pode ser respondida satisfatoriamente quando esses campos de pesquisas se unem: a pedagogia, a neurologia, a psicologia do desenvolvimento, a filosofia e, não por último, também a ciência espiritual antroposófica.

Pois a problemática tange perguntas muito antigas, principalmente de como o pensar, o mundo e a atividade humana podem ser relacionados entre si.

O autor: Sebastian Suggate é professor de Psicologia do Desenvolvimento e Pedagogia Infantil na Escola Superior de Alanus, para Arte e Sociologia.

MÃOS CÓSMICAS

Andréas Höyng, que há trinta anos trabalha como professor de Jardinagem na Escola Livre Waldorf – Uhlandshöhe, em Stuttgart, fala sobre o significado mais profundo dessa matéria.

Entrevistadora: Ariane Eichenber:

Revista Erziehungskunst

Ariane Eichenber: *As matérias trabalho artesanal, trabalhos manuais e jardinagem são consideradas como três matérias irmãs. O que é o elemento que as torna irmãs?*

Andréas Höyng: A grande diferença é que nos trabalhos artesanais as mãos plasmam a matéria. Na jardinagem as crianças são cuidadores ativos com as mãos. Trabalha-se com as mãos, contudo a natureza sempre contribui com algo a mais sobre o qual o homem não tem influência. No trabalhar a madeira ou fazer trabalhos manuais o ser humano dá forma a tudo. Ele encontra a matéria no mundo exterior – a lã, a madeira, e o metal. No trabalho artesanal são trabalhadas as matérias que foram separadas do que é vivo, por assim dizer, são matérias mortas. Na jardinagem tudo se move na esfera do vivo. Os alunos vivenciam de semana em semana sempre alguma coisa diferente, modificada. Houve continuidade sem que elas fizessem algo de novo na alface que acabaram de plantar. Nesse sentido, não podem ver o resultado do seu trabalho. Tudo se encontra no fluxo e no vir a ser. No trabalho artesanal e nos trabalhos manuais o produto que eles acabaram de fazer, uma semana mais tarde, sempre estará no mesmo estado em que o deixaram. O aluno encontra os seus erros ou também o seu trabalho assim como o deixou.

Bibliografia:

Peter Loebell - autor - OS SENTIDOS E O EU DO SER HUMANO
da serie: Sentidos – Arte de Educar 1/2012

projeto exato, sem erro. Agora o aluno precisa confiar em seu desenho, projeto. São necessários posição correta da mão e ponto de apoio para poder serrar a combinação das madeiras desenhada em três dimensões.

Cada empurrão da serra exige presença absoluta, ao puxar a serra de volta é percebido se e de que lado é preciso efetuar a leve correção do punho para o próximo empurrão. O aluno ajusta seu julgamento constantemente de novo (a ação no presente), olhando para trás (o passado) e prevendo (futuro).

O sentido do eu possibilita uma compreensão que tem como meta considerar a individualidade na sua frente. Por meio do entusiasmo e do desafio corporal, paralelamente, é educada a vontade própria que permite ao jovem dar continuidade a seu trabalho.

Enquanto percebem tanto o próprio trabalho quanto o dos companheiros, ou são corrigidos pelo “mestre”, não apenas a vontade é educada, mas também a competência social.

Quando, no final da época, das tábuas cruas surgem peças de mobília, há uma sensação toda especial por terem produzido algo sensato para a vida cotidiana. Para si mesmo e para todos os outros que atuaram juntos na realização é uma vivência objetiva, que cada um é capaz de compreender e julgar.

Autores:

Reinhold Öxler – professor de trabalhos artesanais na Escola Livre Rodolfo Steiner – Uhlandshöhe – Stuttgart. É membro do círculo de professores de trabalhos artesanais da Federação das Escolas Waldorf Livres.

Ning Huang – trabalha na escola Waldorf de Merz – e na Universidade de Hohenheim – frequenta o curso de especialização em escultura e artes plásticas com Reinhold Öxler.

Na jardinagem os erros precisam ser corrigidos imediatamente pelos outros. Quando a alface não foi plantada corretamente não posso esperar uma semana e dizer: “Olha! Isso ainda precisa ser melhorado”. O pé de alface teria murchado. Assim as crianças treinam a postura e as capacidades sociais. Quando um aluno não foi diligente, vêm os outros e o deixam em ordem. A alface que foi esquecida de regar será cuidada pelo próximo grupo. Isso é gesto primordial do social: as consequências daquilo que eu fiz precisam ou podem ser carregados pelos outros – também no sentido positivo. Os frutos que eu colho, os outros comem. Claro que também existem semelhanças entre as matérias. A semelhança consiste no fato de que as crianças trabalham com as mãos. Essa relação as crianças vivenciam fortemente.

AE: Por que os homens se relacionam com espiritual por meio do trabalho na terra?

AH: Observado exteriormente, o trabalho na terra é totalmente terreno. Mas isso é apenas um lado. Há uma diferença entre o lavrador passar com o arado sobre o campo ou trabalhar como uma máquina. Rudolf Steiner fala de movimentos que fazem sentido e movimentos sem sentido. Sem dar uma apreciação moral, ele diferencia movimentos que apenas são exigidos do nosso corpo e outros que tem sua razão de ser no confronto com o mundo. Por meio dos últimos, nós atraímos paulatinamente o espírito para dentro de nós. A planta vive conforme leis cósmicas e o homem se une a estas quando ele conduz o arado com as mãos. Quando eu olho para a terra eu também preciso olhar para o céu. Caso contrário eu não me encontro. Sem esse olhar dirigido para o céu o trabalho no campo por mais de milênios de anos não teria sido possível. As crianças são de natureza tal que inconscientemente têm essa percepção, elas mergulham para dentro do estado de sonho. Dessa maneira os mais antigos cultos expressam sempre uma união entre céu e terra. O cultivo do campo começa a ser imagem da representação do arado dourado. Assim fala o poema proto-persa:

Carregue o sol para a Terra

Tu, ser humano, és colocado

entre a luz e a escuridão...

Seja um lutador da luz

Ame a terra.

AE: *Por que a jardinagem é um trabalho cultural?*

AH: No momento em que o ser humano se fixou na terra, ele trabalhou a terra e atuou culturalmente. Na palavra francesa “agriculture” essa relação ainda é audível. Quando nós olhamos para a cultura ocidental, na fundação dos mosteiros pelos monges iro-escoceses percebe-se que é íntima a relação com a unificação da natureza, cultura e o espiritual. A terra é abraçada na vida dos mosteiros, trabalhada e cultivada. E essa relação existe até hoje: lá onde acaba a agricultura, também a cultura se acaba.

No início do século 20, a noção da paisagem agrícola era a de um tecido da atuação conjunta do homem, animal e planta incluindo os minerais, e foi criada através do trabalho de milênios. Não existia na Europa Central nenhuma pedrinha, em nenhum campo que não passasse pela mão do homem.

O século 20 traz consigo a separação de tudo que fazia parte de um todo. O trabalho no campo, na floresta, no pomar, criação de porcos, engorda de bovinos... o mundo é parcelado, separado. É como se tirasse todos os fios separadamente de uma veste; a roupa cai em pedaços e deixa

são tiradas, as mangas arregaçadas e as tábuas serradas com o seu serrote manual, a ponto de subir vapor na marcenaria. Ser capaz de trabalhar com exatidão sobre décimos de milésimos, isso eleva o sentido vital.

Chicletes com gosto de resina e madeira nobre.

Ao aplainar pranchas de pinheiros espalha-se por toda a marcenaria um agradável cheiro de resina da madeira de pinheiro. Quando o professor aparentemente despercebido, passa a mastigar uma fina apra de madeira, isso é registrado pelos alunos e o gosto amargo, bem como a resistência ao mastigar é vivenciado como desafio.

Quando o professor de trabalhos de madeira introduz nomes antigos das ferramentas e de madeiras, quando faz relação com atividades do passado de antigas culturas e para isso entrega objetos nas mãos dos alunos e pede a eles para segurar, olhar, cheirar e bater, os conceitos serão formados novamente em relação ao sensorial. Essa linguagem está relacionada à vivência em uma matéria de trabalho.

A fala é acompanhada por gestos significativos e exatos. A cada atividade do artesanato clássico pertence a linguagem corporal “explicativa”, instruções dadas pelo mestre. Continuando o processo, serão mostrados gestos ‘de ajustar’, ‘de fazer-espessura’ e ‘de fazer-largura’ (são todos termos das confrarias) e apresentar as tabuas exatamente em décimos de milésimos. A madeira é enobrecida pelo trabalho manual, daí o título de nobreza – “von = de” –; ao artesão que trabalha com a mão (Handwerker) cabe a “honra do trabalhador manual” e daí o título de “mestre”.

Eu aplaino, logo eu sou.

Querendo obter uma face plana sempre é preciso pensar-se e representar mentalmente – côncavo ou convexo. Nas junções é preciso prever e refletir sobre as regras de junção exatas para a madeira, para poder desenhar o



Aplainar é uma atividade que provoca suor. Obviamente o sentido calórico também está ativado. Muitos meninos vivenciam esse trabalho como “fitnesstudio”: eles sentem sua masculinidade, sua força muscular e a dor nos músculos. Nessa idade o crescimento dos ossos ultrapassa o crescimento muscular. Esse “training” ajuda a perceber e se confrontar com as leis no próprio corpo, no mundo, na matéria a ser trabalhada por meio das ferramentas.

Nas classes do 9ºano se faz referência ao passado, quando “homens verdadeiros” de troncos inteiros serravam pranchas e construíam casas, móveis e utensílios com as mãos, usando um cavalete de apoio e o serrote manual (Gattersäge). Com isso se reacendem. As camisas suadas

de ser um vestido. Isso também é a expressão daquilo que acontece com o homem que caminha cada vez mais para dentro da separação. Lá onde a terra não for tocada adequadamente, perde-se a relação com o cosmos, e isso conduz a manifestações de doença. Termina a atuação social. A ganância por lucros determina todo o comportamento.

AE: Steiner disse que as crianças na jardinagem exercitam forças morais. Como podemos entender isso?

AH: No momento em que o ser humano penetra na compreensão das leis da natureza, a trabalha e modifica, surge imediatamente uma questão moral e espiritual. Como acontece isso? No sentido do lucro, do uso próprio, ou no sentido de servir-se mutuamente? Eu olho para o reino da natureza, eu agradeço a ele a minha existência, mas ao mesmo tempo eu o ajudo por meio de um cuidado apropriado. Eu elevo tudo a um patamar mais alto. O respirar da terra torna-se mais rico e não mais pobre por meio do meu trabalho nela. Contudo, apenas quando eu perscruto suas leis naturais. E é isso que eu procuro transmitir às crianças por meio da atividade na jardinagem.

AE: De que capacidades necessita o professor de jardinagem para dar aula às crianças que não voltam ao tricô da meia, porém, para uma horta cada vez mais modificada?

AH: A horta sempre é a minha corporeidade ampliada e nela as crianças penetram. Eu não posso conscientizá-las de tudo o que aconteceu no meio tempo. As crianças encontram uma mudança. Nunca é o mesmo. Portanto a pergunta é como e onde eu faço a ligação ao anterior. Assim também não temos o conceito de cada classe ter o seu canteiro. A horta é a horta de nós todos. Para essa horta só posso transmitir responsabilidade se eu me encontro nela como exemplo responsável. Os alunos trabalham para mim porque eu amo a minha horta. Nessa relação elas podem se esgueirar para dentro dela.

Para construir a ponte de semana para semana, em poucas palavras eu as deixo a par do que acontece no decurso do ano e no concreto as conduzo para o trabalho. Eu preciso ter consciência sobre o que a criança fez uma, duas ou três semanas atrás para que a atividade aconteça como um todo, numa relação. É o professor de jardinagem que estabelece essa relação de uma maneira totalmente diferente daquela realizada pelo professor de trabalhos manuais ou de artesanato. O que tem a ver a atividade de amarrar tomates com a colheita do manjerição, ou cortar lenha? As crianças precisam poder perceber no próprio professor que ele se encontra totalmente na natureza. Por esta razão a horta precisa ser bonita e concebida como um espaço vital. Numa camada sonhadora as crianças podem vivenciar essa relação. Para isso eu criei nichos, espaços. Eu o vivencio especialmente no verão quando as crianças vêm cedo, às 7 horas. A natureza ainda fala mais fortemente e as crianças ainda são mais receptíveis para as impressões da natureza. Nesse caso eu não preciso de introdução, simplesmente vamos ao trabalho.

AE: *As mãos nos animais são órgãos necessários, para o homem estão livres, são expressão do espiritual. O que significa quando o ser humano une esse órgão com a terra?*

AH: Existe uma imagem de van Gogh, um lavrador que se inclina para a terra com as mãos postas em oração. Religião, formulado simplesmente, é o cuidado da relação com o espiritual.

Quando eu trabalho com as mãos na terra, aprofundando-as para dentro da terra, isso na verdade é o gesto religioso primordial. Eu entro numa relação com a terra, eu cuido dela, eu a estruturo. É preciso esclarecer para as crianças que as mãos estão para o trabalho como Steiner explica na *Antropologia Geral* (quarta palestra do Método Didático). O trabalho no campo é um trabalho primordial das mãos. É a ligação primordial no espiritual. Na agricultura está contida a palavra 'culto'. Culto é o cuidado

é regulada com exatidão de décimos de milímetros. Para isso não há aparelhinho que se possa usar como auxílio para medir. O sentido da visão torna-se sentido do tato que é capaz de tatear, enxergando pelo tatear de um décimo de milímetros: a medida do olho (olhômetro) será educada. Ao aplinar a mão esquerda aperta, a mão direita e a perna direita empurram e no impulso da perna esquerda, dá um passo para frente.

Através da caixa da plaina o aluno percebe se a lâmina da plaina tira as aparas de forma correta. Ele até ouve pelo som que surge: quanto mais agudo for o som, mais fina é a apara e vice-versa.

Se o som for interrompido, mesmo que brevemente, e a resistência for diminuída, a apara se parte, já não será mais bonita e não se desprenderá mais uniformemente solta.

Com os ouvidos não apenas se escuta, também se enxerga e tateia. Referindo-se à palestra de Rudolf Steiner de 20/12/ 1920 a respeito da essência da música, Klaus Charisius, ex-professor de trabalhos de madeira da escola Waldorf Uhlandshöhe - Stuttgart, disse que esse sentido auditivo pode tornar-se tão refinado, que se ouve a madeira na construção de um instrumento. Steiner aconselhou, aos construtores de instrumentos, pesquisarem como as árvores lidam com o elemento água, então poderiam perceber quais madeiras se prestassem à construção de que instrumento.

“Trabalhar até subir vapor”.

O movimento ao aplinar não só educa o sentido do movimento. A tábua para a época de marcenaria tem aproximadamente 1,5 m de comprimento. A premissa para iniciar o trabalho é estar corretamente apoiado sobre os dois pés (sentido do equilíbrio), a coordenação das mãos e braços precisa ser orientada anteriormente. Pois ao usar a plaina cada músculo está em movimento. Apenas pelo sentido do equilíbrio chega-se a um ritmo regular.

APLAINAR PARA OS SENTIDOS

Reinhold Öxler e Ning Huang

O tema educação dos sentidos e cuidados dos sentidos tem papel relevante na pedagogia Waldorf. Através dos sentidos pode-se perceber o mundo, coletar experiências sobre ele e, assim, desenvolver autoconsciência. Dois professores de trabalhos Manuais – Madeira mostram o que aplainar pode contribuir para o desenvolvimento dos sentidos.

No mundo digital os sentidos das crianças, paradoxalmente, são sobrecarregados unilateralmente.

Especialmente no âmbito visual e acústico são confrontadas precocemente com informações não adequadas à idade. Esse deflúvio de vivências secundárias muitas vezes leva a comportamentos viciados que se manifestam quando as crianças fogem de esforços para raciocinar e físicos. Falta de concentração, coordenação e atenção são consequências disso. A sala de trabalhos artesanais é o antídoto maravilhoso para esse tipo de paralisação da vontade.

Pois todos os doze sentidos são treinados e desenvolvidos por meio da atividade artesanal artística, de modo que se possa “novamente” aprender a perceber e sentir o meio ambiente, o mundo por meio do seu corpo, e especialmente pelas mãos, naquilo que é apreciado ao aplainar e serrar, atividades que pertencem à época de marcenaria do nono ano.

Marcar a posição certa.

Para aplainar as tábuas, a lâmina afiada igual à de barbear será fixada rigorosamente certa na plaina. Com um olho fixo na superfície, a plaina

do espiritual. Eu cuido na terra daquilo que veio a ser para o futuro.

Quando eu olho para a terra,

preciso também olhar para cima ,

para dentro do céu.



AE: *Trabalhos manuais, trabalhos artesanais as crianças desenvolvem nas classes do sexto, sétimo e oitavo anos diferentes habilidades e prontidão. O que acontece na jardinagem?*

AH: *Nesses três anos, em verdade, sempre se repetem as mesmas atividades. Nesse sentido nada de novo se acrescenta. Diferente é que a consciência vem se desenvolvendo na criança. As crianças lidam cada vez mais conscientemente com o trabalho. Eu também tenho a expectativa diante do aluno do sétimo ano de uma persistência maior e força de suportar estando ao lado do “monte de composto”. Num aluno do sexto ano eu estruturo o trabalho de tal forma, que quando ele enxerga algo diferente, também pode trocar de atividade. No oitavo ano o trabalho é ancorado no grupo, no social. Em verdade nunca se trabalha sozinho. Eu espero que os alunos estruturem o trabalho entre si habilmente: a questão é como posso dividir significativamente o trabalho em quatro. O respeito pelo outro é exigido. Eu não posso simplesmente fazer o meu trabalho como ainda no sexto ano.*

Porém o meu maior objetivo é que as crianças vivenciem o decurso do ano entre si, em atividades e responsabilidades. Que adquiram no âmbito da percepção um sentimento para aquilo que tem vida. Isso só acontece através de repetição. Só posso compreender o que vivo quando eu mergulho no fluxo do tempo. A planta como estrutura do tempo só é compreensível no decorrer do ano. Nesse caso, as plantas anuais são especialmente importantes. Elas precisam ser semeadas, desbastadas, sachadas (tratadas com pequena enxada de boca larga para afofar a terra), replantadas, cuidadas e colhidas. Por meio delas torna-se possível compreender na prática a configuração do tempo.

Então eu também posso dirigir para mim a raiva que surge quando eu, talvez porque estava com pressa para ir para o recreio, deixei a linha de costura e estou em casa e não tenho nada para trabalhar.

A autora: Anette Siegler é professora na escola de Kassel e docente no Seminário de Professores – Kassel-DE

Bibliografia

Frimut Husemann - *Do sentido do eu para a consciência do eu.*(Não traduzido)

Anette Siegler (editora) *Cruzar. O ensino de trabalhos manuais no quarto e quinto anos nas escolas Waldorf*- Kassel 2013(Não traduzido)

malhas.

Quando agora no quarto ano o trabalho de superposição – o cruzamento – se torna conteúdo da aula principal, os alunos, então, devem direcionar seu olhar nessa combinação, da direita para a esquerda. Isso, por sua vez, é necessário para fazer nós, tecer e principalmente no trançar com três ou mais fios, mantendo o meio: esse meio é formado pelos fios internos que – vindo da direita respectivamente da margem esquerda – aqui precisam cruzar-se. Não o fazendo, o traçado se desmancha ou aparecem buracos. Portanto, atenção! O fio do meio está no lugar certo ou ele deslizou para uma das margens? Será que um lado pende em relação ao outro? Da mesma maneira ao abordar o ponto cruz ou o “pé de galinha” é exercitada a igualdade, e a localização certa do meio. Para os alunos, de início não é tão fácil bordar uma cruz e então uma fila inteira de cruces cujas traves devem sobrepor-se sempre da mesma forma.

Isso requer concentração contínua e constante avaliação. Isso não dá para fazer de passagem, porém, requer toda a atenção. E quando um tal bordado leva muitas semanas, então exercitaram fisicamente um determinado gesto.

Nisso cada aluno pode vivenciar sutilmente que é ele próprio, agora em outro nível, quem pode devolver a si mesmo o verdadeiro sentido unitário da vida.

“Quem traça uma cruz com lápis ou com o movimento apenas, ou simplesmente olhando-o, toca o sentido do eu, que se forma no espaço e no tempo. Aquele que realiza o eu como lugar, onde ele próprio, procurando compreender-se a si próprio, se encontra como ser espiritual; aquilo que ele faz, na verdade, se torna seu ato pelo qual o seu eu pode responsabilizar-se.”
(Frimut Husemann).

O CRUZAR PERMITE AMADURECER O EU

Trabalhos manuais no quarto ano

Anette Siegler

Sobrepor, cruzar e constituir o meio requer concentração ininterrupta e constante avaliação. O sentimento da vivência do Eu na atividade sob a própria responsabilidade é estimulada sustentavelmente.

Bom dia querida professora Siegler.

Infelizmente não prestei atenção na senhora e não levei

os fios de costura. Por isso não pude costurar

Certa manhã eu encontrei essa carta na sacola de trabalhos manuais de uma quartanista.

É uma das alunas que trabalham a todo vapor, que correm de uma obra a outra obra. Agora ela olha para trás, para a última aula, ao lado do evidente sentimento de frustração; como sua professora, percebo também entre as linhas a raiva a respeito de si mesma. Nessa cartinha aparece algo típico para essa faixa etária, que também é novo em relação aos anos anteriores: que os alunos são capazes de olhar para si próprios e que nesse olhar o seu próprio comportamento pode tornar-se um impulso. Naturalmente poucas vezes tão espontaneamente como acima, mas sempre é assim que as perguntas vão em direção de sentir sua relação com o meio ambiente.

Os anos anteriores eram bem diferentes: as crianças trabalhavam sem se preocupar, com ímpeto e fluxo do grupo. Aqui surgia entusiasmo, acolá, desânimo. Mas já passou, e com grande mobilidade externa e interna o grupo se movia como brincando de um tema para o outro. Agora um olhar mais atento ao cumprimentar. Esse encontro novo de pessoa para pessoa e também esse “sentir a si mesmo mais consciente” ao lado dos acontecimentos gerais na sala de aula. Se os alunos do quarto ano são capazes de ser irônicos ou de fazer “cara boa para o mau jogo”, é possível distinguir agora duas coisas: conteúdo e forma. Num aluno do segundo ano, ao contrário – também corresponde à manifestação do sentimento sua postura de estar de acordo – não é capaz de sorrir quando está desapontado. Ele sempre é um ser não dividido.

Esse desenvolvimento permite também o novo método de abordagem nas aulas de trabalhos manuais: forma e conteúdo começam a se separar, duas tarefas diferentes podem ser trabalhadas uma ao lado da outra, com uma só meta. Isso significa que os alunos, por exemplo, façam o seguinte:

- Juntar costurando dois panos sobrepostos, tendo o cuidado de executar com exatidão, beleza e com o ponto adequado.

- Uma peça trabalhada não seja apenas artesanal, mas, que tenha um senso artístico conforme sua utilidade.

Esse passo só é imaginável porque agora é possível exigir dos alunos que não percam a meta, isto é, a junção dessas duas tarefas distintas. Devem, portanto, preocupar-se com o ‘conteúdo’ e a ‘forma’ e unificá-los novamente; como isso acontece?

Quando eu acompanho através do pensamento duas ideias diversas para uma só coisa, sempre de novo, preciso avaliar se as partes ainda coincidem,

se ainda posso uni-las. Para isso preciso permitir o encontro dos fios de pensamento que surgem, que voltem sempre a se encontrar, que encontrem um ponto em comum no qual podem ser sobrepostos como um cruzamento. Exige esforço, mas somente quando esse ponto for por mim encontrado fico satisfeito: agora se ajusta! E essa satisfação inconscientemente me impulsiona: fui eu quem realizou a meta buscada acima.

(Perseguir mentalmente duas ideias distintas para uma coisa,

então preciso constantemente avaliar se ainda estão

se ajustando, ainda podem ser unidas.)

Encontrar o meio

Nas matérias curriculares das aulas principais, no quarto ano, na “*parte pensamental*” é exercitado o “sobrepor”.

Por meio dos trabalhos manuais abre-se a possibilidade de encontrar o ponto de encontro adequado por meio do movimento das mãos, por meio de exercitar a atividade prática e com isso fortalecer a criança em um nível mais profundo. Já os primeiranistas precisam unir coisas diferentes: em todos os trabalhos manuais a mão direita e a mão esquerda fazem movimentos diferenciados. Mas as aulas iniciais ainda não determinam conscientemente o lugar do encontro da direita e da esquerda, porém, escolhe tais atividades onde um ponto – como no tricô ou no crochê – mediante as laçadas em círculos da agulha se retrai para a formação das